

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RENATA DA COSTA LIMA MICHELINI

**COMO ME FIZ PROFESSOR**

CAMPINAS

2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RENATA DA COSTA LIMA MICHELINI

**COMO ME FIZ PROFESSOR**

*Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia-  
Programa Especial de Formação de Professores em  
Exercício nos Municípios da Região Metropolitana  
de Campinas, da Faculdade de Educação da  
Universidade Estadual de Campinas, como um dos  
pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em  
Pedagogia*

CAMPINAS

2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Michelini, Renata da Costa Lima  
M582c      Como me fiz professor : memorial de formação / Renata da Costa Lima  
Michelini. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-391-BFE

*Dedico este Memorial a todos os profissionais da educação, esperando que minhas reflexões possam contribuir para sua trajetória profissional.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me permitiu percorrer este caminho, sempre me iluminando para que pudesse chegar até aqui e ainda me contemplou com pessoas maravilhosas e iluminadas nesta trajetória de mais uma página da minha história no contexto de minha formação.

A meu marido, que sempre me incentivou e com muita paciência me ajudou nos momentos de angústia, não me deixando desanimar e nem desistir, fazendo sempre acreditar na minha capacidade e que sempre será de grande importância nessa conquista.

Aos meus filhos que tiveram de abdicar da minha presença nessa fase tão bonita e importante de suas vidas.

A minha irmã e irmão que auxiliaram em todos os momentos dessa caminhada e que acreditaram em mim.

Aos professores Doutores e as Assistentes Pedagógicas que contribuíram com seus conhecimentos, experiências profissionais e de vida com dedicação e carinho, que me guiaram para além das teorias, das filosofias de vida e das técnicas, me transformando numa educadora crítica e reflexiva, os meus sinceros agradecimentos e o meu mais profundo respeito, que sempre serão poucos diante do muito que me foi oferecido.

Aos alunos, com quem muito tenho aprendido a cada dia e que a luta vale a pena e o principal motivo de existência desta formação e deste trabalho que me trouxe um novo olhar, e que, é o principal motivo da existência deste trabalho.

Finalmente, à Maria José, Aline, Juliana, Maria Valderez, Marcos, Magda, Marly, Regina, Maria Aparecida, Marinalva pela união, compreensão e o apoio destas amigas preciosas que conquistei e com quem compartilhei estes anos de estudos e expectativas e que, mesmo agora quando cada um de nós seguirá caminhos diferentes, não se apaguem ou esmaçam os brilhos do companheirismo de todos estes anos, os quais ficarão eternizados em minha memória.

À Unicamp em parceria com a Prefeitura Municipal de Piracicaba pela oportunidade.

“Precisamos conhecer o que fomos, para  
compreender o que somos e decidir o que  
seremos.” (Paulo Freire)

## SUMÁRIO

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO.....                                                                     | 01 |
| 1 – MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA.....                                                   | 02 |
| 2 – ENSINO FUNDAMENTAL.....                                                           | 05 |
| 3 – GINÁSIO.....                                                                      | 13 |
| 4 – SUPLETIVO.....                                                                    | 15 |
| 5 – MAGISTÉRIO.....                                                                   | 21 |
| 6 – O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO.....                                                     | 24 |
| 7 – MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....                                                  | 26 |
| 8 – PROFISSÃO PROFESSOR.....                                                          | 28 |
| 9 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA,<br>TEORIA E PRÁTICAS..... | 30 |
| 9.1 Questões políticas para formação docente.....                                     | 32 |
| 9.2 Formação continuada.....                                                          | 36 |
| 10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                        | 41 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                       | 43 |

## APRESENTAÇÃO

Quando nos foi proposto à elaboração do Memorial de Formação como um dos pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia, confesso que fiquei muito angustiada e ansiosa e me questionava se iria conseguir fazer.

Aparentemente parecia ser tão difícil e complicado! Adiei o máximo seu início, mas com o passar do tempo me conscientizei de que era preciso começar. Mas por onde?

Então no final do semestre passado, começamos a ter as orientações do professor Ivan, a qual tanto esperávamos, e tudo foi clareando.

No primeiro momento não havia me decidido a escrever sobre minha infância, uma vez que são vagas minhas lembranças sobre esta fase da minha vida, mas após ter iniciado, achei que deveria começar a partir dela, pois é o início de tudo, a escolaridade primária, o Supletivo, a formação no magistério, o percurso que trilhei até iniciar-me na vida docente e meu ingresso na faculdade, são fatos que influenciaram muito minha formação, tanto profissional como pessoal. Com o passar do tempo, a tarefa antes considerada por mim angustiante, passou a ser muito prazerosa.

A elaboração deste trabalho me possibilitou uma percepção mais qualitativa do significado da minha vida, me fez relembrar fatos que já estavam esquecidos e oportunizou também, a revisão dos textos trabalhados durante o curso de Pedagogia.

Percebi que dar aula, é muito mais que alfabetizar, que os alunos são o futuro de nosso país e o quanto precisamos orientá-los na busca do conhecimento, para que tenham a compreensão do que lhe foi imposto de uma forma crítica. Dar aula é ensinar e transmitir o que se sabe a quem quer saber, dividir a sabedoria<sup>1</sup>.

Sei que estou quase chegando à reta final para concretizar esse sonho e agradeço essa realização dos meus projetos a Deus e a UNICAMP. Bem sei que, para eu estar aqui, foi com muito esforço e com muito sacrifício, mas faria tudo de novo se fosse preciso.

---

<sup>1</sup> *Tiba, Içami. Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor – aluno em tempos de globalização. São Paulo: Ed. Gente, 1998.*

## **1 – MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA**

Não sei ao certo o motivo, mas o fato é que não consigo me lembrar de muitos fatos da minha primeira infância. Só tenho vagas lembranças a partir dos sete anos, com o ingresso na escola.

Lembro-me de quando meu irmão mais velho freqüentava a escola, e eu queria pegar seu material escolar para brincar e ele não deixava. Minha mãe cabeleireira e meu pai padeiro, não tiveram condições de concluírem seus estudos, e sempre lutaram para conseguir proporcionar a mim e meus irmãos condições de uma vida saudável, tranqüila, tentando garantir um futuro, onde pudéssemos ter um estudo profissionalizante e uma vida estável, ou seja, melhor do que a vida deles.

Lembro-me sempre que eu brincava na rua de pular corda, de pega-pega, balança-caixão, andava de bicicleta, de carrinho de rolimã, entrava em matos para subir no pé de manga, mas tudo isso quando nos era permitido e dentro de casa brincava de escolinha com meus irmãos. O meu irmão mais velho sempre era o professor e eu e minha irmã éramos as alunas. Com os amigos criávamos nossa sala de aula e muitas vezes a parede representava a lousa. Era muito divertido, tempo bom! Desta relação hoje associo que eu através do meu irmão, já fazia uma representação do que ocorria na sala de aula a qual ele freqüentava.

O que me deixa triste nos dias de hoje é perceber que as crianças não brincam mais nas ruas, com grupos de colegas, mas vivem dentro de suas casas, assistindo TV, jogando vídeo - game, computador, só participando de brincadeiras que proporcionam solidão. Os pais por não terem tempo de darem atenção a seus filhos, pois trabalhar muito, não conseguem um contato mais direcionado com os mesmos, que ficam sob a responsabilidade de uma educação mediada por segundos ou até mesmo por terceiros, ou seja, por avós, tias, babás.

Há outras crianças ainda que se vêem muito atribuladas, ou por ter que trabalhar para cuidar da casa ou dos irmãos menores durante a ausência dos pais, ou serem obrigadas a assumir muitos compromissos como computação, aulas de inglês, natação, ballet, roubando-lhes o direito de brincar, o que acaba gerando aflições, angústias, depressões, etc. Ou seja, crianças adultizadas como podemos constatar através do filme “A pequena Miss Sunshine”, que desde cedo, não tem oportunidades nem tempo para brincar, e isso é um direito que as crianças tem e lhes é negado deixando constatado para nós que o furto do lúdico é independente da classe social.

“... o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas devemos considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita a criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura na sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de produtividade social...” (MARCELLINO, 1990, p.72).

Acredito ser muito importante o ato de brincar dentro das escolas, através do lúdico que as crianças podem enfrentar o cotidiano escolar, pois ela necessita de atividades com jogos, recreações, do brinquedo, da festa, do divertimento e a afetividade da professora que em sua maioria passa mais tempo com elas do que os próprios familiares.

De acordo com Porto (2003), diz que a brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois as crianças trazem para suas brincadeiras o que vivem, escutam, o que observam e experimenta; combinam os diversos conhecimentos revelando suas visões de mundo e descobertas.

A idéia é que a escola trabalhe com o lúdico como recurso pedagógico. Assim as aulas ficarão mais ricas desenvolvendo na criança sua imaginação, emoção, sentimento, afetividade e outras habilidades que os jogos podem proporcionar a ela.

Posso dizer que na escola que estudei no período de 1ª à 4ª série, no intervalo, naquele enorme pátio existia a Dona Lurdinha que ficava ali para olhar as crianças. Eu gostava muito deste horário que tinha, brinquei de batatinha quente utilizando uma bola, pulava corda, amarelinha e as diversas cantigas de rodas envolvendo palmas, todas direcionada pela orientadora de alunos Dona Lurdinha, que naquela escola, ainda hoje está. Lá também, eu me socializava com as outras crianças conversava e às vezes eu e minhas amiguinhas subíamos no palco e brincava de casinha e escolinha. Hoje, eu sei que reproduzia as atitudes daqueles adultos que fazia parte de minha infância.

Acredito em uma escola que respeite a criança como um todo, e que o olhar não seja direcionado para o espaço do intervalo onde as crianças só utilizem para gastar a energia para que voltem mais quietas para a introdução das atividades escritas. Esquecendo que nas recreativas eles também aprendem a partir da utilização do lúdico e seria necessário utilizar esse recurso na prática pedagógica, porque para a criança, viver é brincar, e brincar é o seu viver. Portanto cabe a nós educadores agirmos como mediadores do desenvolvimento lúdico e cultural dentro das instituições.

## 2 – ENSINO FUNDAMENTAL

Essa lembrança que nos vem às vezes...  
folha súbita  
que tomba  
abrindo na memória a flor silenciosa  
de mil e uma pétalas concêntricas...  
Essa lembrança... mas de onde? De quem?  
Essa lembrança talvez seja nossa,  
mas de alguém que, pensando em nós, só possa  
mandar um eco do seu pensamento  
nessa mensagem pelos céus perdida...  
Ai! Tão perdida  
que nem possa saber mais de quem!  
Mario Quintana

Ao iniciar meus escritos, as lembranças me vêm à mente e ao coração e começo a resgatar a memória e retomar o passado, como o primeiro uniforme, o material escolar, as amizades e o medo do novo.

O primeiro dia de aula foi muito esperado, mas as expectativas foram totalmente contraditórias ao momento vivido, já que aquele mundo recém-descoberto não se fazia presente como tinha idealizado nas minhas brincadeiras de escolinha.

Uma professora autoritária e apática às dificuldades, enérgica, batia com a régua na carteira e na cabeça de quem não obedecia, ela era a detentora do saber e nós estávamos ali somente para aprender o que ela queria e sabia ensinar. As idéias e percepções de algumas crianças me chocavam, muitas destas crianças já vinham de escolinhas e freqüentavam aulas de inglês, ballet, algumas saíram do pré já sabendo escrever os nomes de seus familiares, e eu, nada sabia fazendo cair por terra todo aquele mundo imaginário de sonho e fantasia.

Com isso me sentia insegura, inventava alguma coisa todos os dias para não ir à escola. Eu tinha muito medo dela, mas meu pai me obrigava a ir e se chorasse ele ainda me batia com sua mão pesada. Assim com todas essas dificuldades acabei aprendendo o conteúdo programado para aquela série de repetição, era cópia e mais cópias da cartilha “Caminhos Suaves”. A imposição enfrentada na sala de aula e a falta de informação suficiente acarretavam esquecimento sobre o que se devia fazer necessariamente nas tarefas enviadas para casa. E assim, chorava desesperadamente todos os dias no momento que deveria ser divertido, momento esse de realizar a lição de casa.

Em casa eu tinha o acompanhamento do meu, pai, que não tinha muita paciência para me ensinar e estudar comigo. Eu que tinha certa dificuldade em assimilar entender

a alfabetização, me sentia sempre envergonhada, e nesta tentativa de meu pai tentar me ensinar e a aprender a ler mais rápido e com mais facilidade, se decepcionava e me batia por não entender as tarefas e conseguir realizá-las assim como a leitura que ele me dava para ler. Isso me deixou marcas e mais medos, e o que eu acreditava ser prazeroso, deixou de existir.

Tanto na sala de aula como atividade para casa eram exercícios de coordenação motora, treino de sílabas e cópia de palavras sem nexos. Tínhamos uma conduta silenciosa, rígida, onde se formavam filas para entrar até a sala de aula e lá ficávamos um atrás do outro, em silêncio só ouvindo e memorizando o que a professora nos dizia, sem poder dar opiniões, sugestões, ou muito menos olhar de lado, do contrário seria chamada a atenção. Estas eram as atividades desenvolvidas pela professora, que cada vez mais me distanciava do verdadeiro sentido de ler e escrever através do uso da cartilha.

A crítica mais contundente e comum da cartilha é que não contém uma linguagem escrita, que privilegia o código, utilizava textos que, na verdade, não são textos, mas arremedos da forma escrita de linguagem. Constitui, nesse sentido, uma linguagem artificial, de tal forma que a escola acaba por instituir uma verdadeira língua escolar, cuja existência só se verifica no interior da escola. Fazendo com que uma grande parte da população chamada analfabetismo funcional, que é a condição das pessoas que passam pela escola e aprenderam a técnica de ler e escrever. No entanto não foi relacionado com os interesses e necessidades de cada pessoa, as dificuldades variáveis de leitura ou compreensão. O que é bom para um não é funcional para outro e ao sair da escola não utiliza mais essa linguagem, pois, não faz parte do seu cotidiano e a maioria as esquece.

Estou com uma sala de aula de 4º ano (antiga 3ª série) e utilizamos filas só na entrada e de certa forma diferenciada, pois os alunos se posicionam do maior para o menor, no dia seguinte do maior para o menor, ordem alfabética, aniversariantes dos meses, ajudantes do mês onde é sempre alternada. Percebo que desta maneira de organização não fica uma fila rígida e convencional. A saída tanto para o intervalo como para a hora de ir embora, eles vão saindo devagar e aos poucos. Eu gosto assim da organização e eles também, pois, eles sentem mais independentes e seguros, como se estivessem no ginásio.

No primário esta nova relação com o conhecimento, não havia espaço para o prazer, somente importava o dever e a obediência.

Tinha um medo ainda maior da diretora, aliás, todas as crianças a temiam e muito. Além do medo que todos sentiam de serem levados para a diretoria, tínhamos ainda, sentarmos na fileira dos alunos ‘fracos’, era assim que eram chamados os alunos que não ‘aprendiam a lição’, ou que tinham uma caligrafia muito ruim, pois caligrafia realmente era uma coisa muito importante naquele tempo, podia até fazer a gente repetir de ano, e meu medo se concretizou, fiquei retida na minha aprendizagem da 1ª série, eu era fraquinha, me sentia envergonhada e humilhada diante dos alunos que comigo compartilhavam aquela sala de aula e a do ano seguinte que tive que refazer.

O comportamento também deixava todo mundo muito preocupado, pois quem não se comportasse bem, além de ir para a fileira dos alunos fracos, as fileiras eram divididas em A, B, C, D, E ou as fileiras eram distribuídas com os alunos fortes na frente e os fracos no fundo. Eu ficava na fileira do C e depois era mudada para a fileira do D de castigo, quando isso acontecia servia de chacota na hora da saída pelos amigos da sala e ainda seria repreendida pelo meu pai além de levar umas chineladas dele, pois para o meu pai isso era uma vergonha, ele dizia que só estudávamos e que tínhamos que prestar atenção e saber tudo o que a professora explicava e ensinava.

Os meses foram passando e cada vez mais eu percebia que não podia pensar por conta própria. Era raro quando algum aluno era convidado a escrever uma palavra que não tivesse visto previamente em aula. Era ordenado que a escrevesse corretamente e não que pensasse de que modo poderia escrevê-la.

Eu não sentia prazer naquelas atividades que tinha que realizar, pois eu nada compreendia. Assim a atividade não sendo prazerosa, não esforçávamos a pensar já que o estímulo e a motivação eram nulos.

A vantagem da aprendizagem significativa é que permite pensar. Desenvolver e expressar as próprias idéias, discuti-las, confrontá-las, melhorá-las, ampliá-las. Partir das idéias pessoais, dos conhecimentos prévios, do que já se sabe, pô-lo em movimento e atacar um problema novo e estimulante.(CURTO, 2000, p.84).

Tornava-se clara a valorização quanto à percepção e a discriminação visual das letras e a habilidade motora de reproduzi-las, onde aqueles que não atingiam esses fatores eram considerados incapazes e dignos de reprovação. Premiava-se a submissão enquanto criticava como erro o resultado de pensar por conta própria.

A imposição enfrentada na sala de aula e a falta de informação suficiente acarretavam esquecimento sobre o que se devia fazer necessariamente nas tarefas enviadas para casa.

Uma solução encontrada pela minha mãe foi de que quando acontecesse isso, fosse à casa de um colega de classe e relembresse com o mesmo as orientações da professora. Meu pai não poderia saber do contrário ele ficaria muito bravo e diria que eu não prestava atenção a aula.

Na verdade, o certo seria conversar com a professora para rever sua postura enquanto educadora, mas tinha-se medo de que houvesse perseguição em relação à minha pessoa, além de meus pais não gostarem de ter que ir a escola para conversar com a professora.

Ensinar não é apenas transmitir conhecimento a um ouvinte. É ajudá-lo a transformar suas idéias. Para isso, é preciso conhecê-lo, escutá-lo atentamente, compreender seu ponto de vista e escolher a ajuda certa de que necessita para avançar: nem mais, nem menos. (CURTO, 2000, p.68).

Com teorias apresentadas no Curso de Pedagogia, posso analisar melhor essa dificuldade que houve na minha aprendizagem. A aquisição da língua escrita pela criança representa um momento crucial da iniciação da criança no processo de escolarização. A escola não proporcionava motivação, nem conteúdos que fossem relacionados com a realidade. Eu precisava de atenção individual, precisava de incentivos, juntamente com atividades lúdicas e significativas, e a escola não proporcionava esse aprendizado como eu necessitava para aprender.

Uma vez que a leitura e a escrita na escola não constituíam instrumentos significativos das práticas cotidianas, seria pouco provável, que a alfabetização não viria, pois a rigor, nem se justificaria mesmo, com o uso, em sala de aula, de cartilhas de ABC, valorização no interior da escola se dê inicialmente com a fala, uma alfabetização fonológica, para, em seguida, transforme-se em alfabetização ortográfica. A fala precede a escrita na escola, da expressão oral.

Venho defender que a alfabetização escolar se dê inicialmente com a fala, uma alfabetização fonética, para depois transformar-se em alfabetização ortográfica. A fala procede à escrita na escola. É um fato que eu pude analisar e visualizar com a minha turminha do 1º ano (antigo pré-primário), através das diversidades de músicas e historinhas, que era trabalhada na sala de aula.

O sucesso da criança na escola vai depender, em grande parte, da atuação nas atividades propostas pelos educadores. E, para que, a criança não tenha problemas de aprendizagem, é importante que ela domine as habilidades consideradas habituais de sua

idade, habilidades que aumentam com a experiência. E são as oportunidades que pais e educadores proporcionam a ela que lhe fornecem essas experiências.

Contudo, aprendi a ler e escrever, mas o caminho que me levou a esta conquista não foi dos mais agradáveis. Muitas idéias, pensamentos e reflexões foram sacrificados em nome de um método, cuja lógica era evidente para o adulto, mas, incompreensível para nós crianças.

Na segunda série, imaginei que seria diferente, e teria uma professora bonita e muita boazinha. Engano, minha professora era muito autoritária, todos a temiam e tínhamos que pedir permissão até para jogar o lixo, não era permitido nem dar um beijo de despedida na hora de embora, ela dizia que poderia pegar algum vírus se estivéssemos doente, além de dizer, que não sabia se tínhamos escovado os dentes e lavado as mãos.

Hoje vejo que a questão da afetividade não existia, era sequer cogitada, era uma relação professor – aluno do tipo em que o professor após passar o conteúdo na lousa, sentava e ficava lendo revistas de moda ou alguma outra coisa que não me lembro, e os alunos apenas copiavam da lousa, de livros, muitas vezes utilizavam o famoso “ditado” conseguindo com isso o silêncio e a disciplina de todos.

Na 3ª e 4ª série, tenho vagas lembranças. Fui feliz quanto aos professores, pois foram dadas as explicações que ler e escrever são atividades que servem para poder comunicar, expressar idéias, experiências, opiniões, sentimentos, realidades e para ter acesso ao que outras pessoas pensaram e sentiram também. Desfiz definitivamente a idéia de ter essas habilidades para ser aprovada e usá-las apenas na escola.

A partir daí, foi visto que podíamos vivenciar situações de leitura e escrita para além do mundo da escola, ao longo de toda vida, sem nunca esgotar as possibilidades.

Hoje analiso que é preciso considerar a reação do aprendiz em face da proposta pedagógica, muitas vezes autoritária, artificial e pouco significativa. É preciso que a criança compreenda porque e quando se usa a língua escrita. O professor através de leituras de rótulos, leitura da escrita da lata de coca cola, nome da rua onde mora, leitura do ônibus que utiliza e etc., é que ela aprenderá o uso social da escrita

Acredito que na sala de aula que frequentei na 1ª série, a escola, minha primeira professora, não soube desenvolver em mim uma relação estreita com a escrita já que, entrei direto e não fiz o pré-primário, não era obrigatório. Esta marca ficou impregnada em mim, pois até pouco não conseguia colocar no papel ou dizer tudo que pensava sobre determinado conteúdo apresentado por minhas professoras do ensino primário e

do ginásio. Não conseguia registrar os momentos bons ou ruins que ocorriam no meu dia a dia, sabia dizer em palavras, mas no papel nada saía.

O que víamos naquela época do ensino básico era que o bom aluno era aquele que se comportava em sala de aula, fazia todas as lições e tirava boas notas nas provas. A avaliação do aluno era feita por meio de provas, chamadas orais, para as quais tínhamos que memorizar o conteúdo aprendido no bimestre e responder um questionário de acordo com o que estava nos livros ou no caderno.

Tenho consciência que na atual concepção de Educação esses requisitos não garantem que tal aluno seja bem sucedido em suas relações futuras. Acredito que é preciso desenvolver nos alunos a criticidade, a criatividade e a capacidade de refletir e interagir em sociedade.

Ao avaliar o rendimento de meu aluno hoje, procuro analisar todo o seu desenvolvimento, o envolvimento, a participação de cada um, levando em consideração todo progresso, conhecimentos que trazem de casa, sempre que possível os elogiando e os incentivando sempre, mesmo que haja erros, pois o erro é também uma forma de aprendizagem, pois vai à busca de saber o seu erro e a partir daí é que ele passa a compreender e a entender o significado da lição.

Talvez naquela época, essa era uma boa maneira de ensinar. Aprendíamos, mesmo que com certos medos por atitudes insensatas, pela postura de uma professora e de meu pai, mas no decorrer desta aprendizagem por repetição tornávamos capazes de redigir corretamente no que se referia ao padrão ortográfico através de um código. Hoje, utilizamos outro enfoque na relação do processo de alfabetização.

Acredito ser fundamental que a criança seja bem sucedida ao se iniciar na escola, através da leitura e escrita, além da motivação para o desenvolvimento na aprendizagem e escrita.

Ao escrever este memorial, sinto que as marcas do passado ainda estão impregnadas em mim. Encontro muita dificuldade em realizar o registro de minhas memórias guardadas e de como foi importante essa formação no PROESF – RCM<sup>2</sup> ao tentar escrever com coerência e coesão. Através do PROESF, pude ter outra visão de como ensinar e melhorar a minha forma de registrar, que se deu através das muita reflexão que tivemos na disciplina de Língua Portuguesa com a AP Cristina. Também em sala de aula com meus alunos, os faço perceber a importância do ato de refletir sobre o que é lido, realizando muita leitura compartilhada e diversificada. Noto que funciona

bem e meus alunos gostam, e a partir da leitura eles debatem sobre o que leram e tiram suas dúvidas.

Essa conversa sobre entender o real significado do registro foi tão clara em minha sala de aula do 4º ano que tenho alunos que enquanto eu estou explicando, estão escrevendo tudo o que digo, me sinto gratificada e muito emocionada perante essa turma.

Tenho consciência que na atual concepção de Educação os requisitos de cópia e memorização, não garantem que o aluno seja bem sucedido em suas relações futuras. Acredito que é preciso desenvolver nos alunos a criticidade, a criatividade e a de interagir em sociedade.

Mas na minha época, como não era interessante desenvolver no aluno a criticidade, meus momentos escolares foram muito reservado, tímidos e não tive oportunidade de defesa do pensamento, de argumentação, o que gerou em mim uma enorme insegurança. Essa dificuldade persistiu por todas as etapas de minha vida, como no magistério, nas reuniões de H.T.P.C.<sup>2</sup> na unidade em que trabalho e até mesmo no PROESF, pois o curso exigiu uma postura confiante. A participação nas aulas era fundamental, e foi um grande desafio para mim.

E para conquistar essa segurança no decorrer do curso de Pedagogia foi necessário estabelecer um vínculo afetivo com o grupo, o apoio dos professores e o embasamento teórico adquirido.

Então fui me sentindo mais segura, porém, ainda hoje continuo buscando o domínio de mim mesma, o controle do meu emocional para poder me colocar melhor, me fazer ser entendida e me expressar, sem temores, para isso é preciso persistência.

Posso afirmar, a partir de leituras realizadas no curso do PROESF, como Pelstallozi, Rogers, Vigotski, Trindade, Madalena Freire, Antonio V. Fraga, pelas relações de mediação feitas pelo professor durante as atividades pedagógicas, devem ser permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro. Tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua auto - imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.

---

<sup>2</sup>H.T.P.C – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

### 3 - O GINÁSIO

Ao iniciar o antigo ginásio de 5ª à 8ª série, permaneci na mesma escola, afinal era próxima de casa e gostava do horário das 16:00 às 20:00h. Mas o regimento no ginásio nada era diferente em relação ao primário e a disciplina era ainda rígida.

Tínhamos vários conteúdos, para cada conteúdo teria um novo professor, e o tempo de aula reduzido em cinquenta minutos para cada disciplina. Cada matéria com sua maneira de ensinar, de agir, de avaliar e mesmo com a insegurança de não conseguir copiar toda a lição, pois, eu era muito lenta para as cópias além de encontrar dificuldade em entender alguns conteúdos que o professor me explicava.

Os professores explicavam os conteúdos e aplicavam os famosos questionários para o estudo das provas e a chamada oral. Essa era a maneira de ensinar e avaliar. Eu comecei a ter dificuldades em algumas disciplinas, devido à avaliação que só visava o conteúdo e não o aprendizado do aluno. Aprendeu, aprendeu ou ficava sem saber mesmo e era reprovado. Concluía 7ª série. Na 8ª série passei a não entender nada e ia muito mal. Parei de estudar na 8ª série e fui trabalhar. Perdi meus pais com 13 anos. Eu minha irmã e meus dois irmãos moravam com minha avó paterna. Com ela, trabalhava fazendo salgados, mas não recebia nada e então resolvi ir em busca de um trabalho de verdade.

No começo de, (1984) fui matriculada em outra escola no período da noite, mas não comparecia as aulas, pois ia passear na praça no horário da aula e por tanto fui reprovada por falta de ausência.

Não tinha estímulo na escola por parte dos professores e os amigos que lá encontrei não prestavam atenção e só conversavam. Os professores não se importavam muito. Interrompi meus estudos novamente.

Hoje percebo que o professor agia nos termos da pedagogia tradicional, ou seja, ele submetia ao aluno o seu poder, era o sabe tudo e o aluno um simples ouvinte e reproduzidor do que ele ensinou, mas na hora da avaliação este, era avaliado pela simples memorização do conteúdo e não pelo que sabia, era avaliado através de uma nota dada pelo professor.

E tinha sido rotulada pela professora por consequência das dificuldades que me atingiram nesta aprendizagem, considerada muito importante na vida de uma criança.

...O professor realiza um verdadeiro massacre nos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, expondo-os, permanentemente, a comparações e a juízos depreciativos públicos em classe. Tais ações afetam a auto-imagem

do aluno geram rótulos e reforçam determinados valores e atitudes, aparentemente guiadas por um “modelo de aluno” constituído no seio das relações sociais capitalistas ideologizado... (FREITAS, 1995, p 236).

Hoje como professora, posso afirmar que existem variados tipos de avaliações possíveis, mas nós professores muitas vezes junto com a escola ainda se consomem só ao modelo tradicional, deixando de lado o mais importante de tudo, que é o aprendizado verdadeiro, completo integral do aluno.

Posso afirmar que até ter o conhecimento através do Proesf, trabalhei com a visão tradicional também rotulando vários alunos meus como incapazes. Mas hoje esse pensamento tradicional foi abolida da minha concepção de aluno fossem ampliando e junto delas uma nova forma de ver a avaliação do aluno dia a dia, vendo este progresso que acontece, uns mais rápidos, outros mais lentos, mas eles conseguem avançar.

#### 4 - SUPLETIVO

Já casada e com um casal de filhos, iniciei o supletivo no ano de 1996, quando trabalhava em uma loja de móveis. Comecei a perceber que os estudos faziam falta em minha vida, mas acreditava que ao voltar a estudar os vizinhos, familiares e amigos zombariam de mim, por querer ter novos conhecimentos através da aprendizagem da escola na minha idade.

Freqüentando o ensino Supletivo da 8ª série, conseguia entender e tirar notas boas. O ensino era muito bom e com ótimos professores e conteúdos explicados e debatidos em sala de aula e nada de memorização e repetição.

Aproveitando, conclui também o colegial. Realizávamos trabalhos de leitura compartilhados e bem explicados pelos professores, que se mostravam pacientes e afetivos, preocupados em como trabalhar no dia-a-dia para que sempre fossemos bem em todas as atividades dadas. Mas as avaliações existiam, no entanto eram com consultas e algumas sem consultas, mas sempre em grupo.

Vejo que a avaliação, ainda é bem presente nas várias escolas e em nossa sala de aula, acredito ser importante fazer uma reflexão sobre avaliação a fim de verificar a aprendizagem de cada aluno.

Segundo Freitas (2003), A lógica da avaliação não é independente da lógica da escola. Ao contrário, ela é produto de uma escola que entre outras coisas, separou-se da vida da prática social. Aprender para “mostrar conhecimento ao professor” tomou o lugar do “aprender para intervir na realidade.

Com os conhecimentos e esclarecimentos teóricos que obtive no curso acadêmico, percebo que avaliar não é medir, é observar a participação diária do aluno, suas produções, suas idéias, conhecimentos que trazem de suas vivências e as coloquem em prática durante apresentação dos conteúdos trabalhados pelo professor. Mas sabemos que ainda precisamos passar para a Secretaria da Escola os conceitos, “notas” que servem para medir a capacidade dos alunos.

O professor precisa, desde o planejamento dos exercícios em sala, estabelecer objetivos que deverão ser alcançados ou retomados até serem atingidos. Tudo o que se constrói em sala de aula é um ponto a ser avaliado. O professor não precisa chegar até ao final do bimestre para aplicar uma prova com todo o conteúdo bimestral. Fica até mais fácil para o professor avaliar seus alunos de forma contínua e cumulativa, predominando o aspecto qualitativo sobre o aspecto quantitativo.

A avaliação não serve só para mensurar os objetivos que os alunos alcançaram, mas também para avaliar o preparo do professor e a qualidade do ensino brasileiro.

Para que a escola alcance qualidade, os professores devem ser pessoas motivadas para o trabalho, manter um bom relacionamento com os colegas de trabalho, estar envolvidos no processo educativo, precisam ter liberdade dentro do seu ambiente de trabalho e participar de cursos de aperfeiçoamento. A qualidade na educação só será possível se os professores a alcançarem primeiro, pois os professores de hoje têm em suas mãos a grande responsabilidade de formar os cidadãos de amanhã. Visto que a escola não é um simples negócio, pois ela possui características que a diferencia de qualquer outra indústria e comércio, assim como de outros serviços, a qualidade na educação pode ser avaliada em seu produto final: o aluno pronto para a vida.

Eu avalio meus alunos enquanto profissional da educação não só através de provas, mas a criança globalmente. Não apenas a quantidade de aprendizado apresentada por ela e sim à qualidade do aprendizado, sua participação durante as aulas, as atividades em cadernos, lições extraclasse, durante o dia-dia, no bimestre e no decorrer do ano letivo, desta maneira tento passar a eles a avaliação como um fator positivo.

Estudando as teorias, as leis e reformas ocorridas no ensino pude perceber que a LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, diz que a avaliação deve ser contínua e priorizar a qualidade e o processo de aprendizagem, sendo que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos. Para que isso aconteça de fato, acredito que seja essencial conhecer cada um de meus alunos e suas necessidades, pois, só assim, poderei pensar em diferentes alternativas para que todos os alunos alcancem os objetivos programados pelo professor.

Acredito, portanto que se faz necessário compreender e realizar a avaliação comprometida com o ato pedagógico, como um instrumento de compreensão do estágio em que se encontram o aluno, diagnosticando sua situação e redefinindo estratégias para sua aprendizagem.

Assim sendo, esta mudança na prática avaliativa implica uma transformação no próprio modo de ensinar e aprender. Está mais do que na hora de substituir a pedagogia do fracasso e da repetência por uma pedagogia de sucesso para todos, acredito ser necessário mostrar aos alunos que a avaliação é uma forma de verificação se a forma de aprendizagem está funcionando, pois do contrário cabe ao professor repensar na

estratégia de aprendizagem, assim seus alunos irão aprender de forma significativa, prazerosa e sem medo e traumas da avaliação.

Percebo que as escolas trabalham em nível de seriações ou de classificações feitas com os alunos dentro de uma mesma classe. Muitas delas se preocupam em formar classe homogênea, onde na visão da instituição escolar e de seus gestores, é uma forma de facilitar o trabalho do professor proporcionando-o uma classe onde este poderá trabalhar o seu conteúdo no mesmo nível com a classe toda, no entanto não existe uma sala homogênea.

Não foi o professor quem inventou essa lógica: ela faz parte da própria gênese da escola. Não é apenas uma questão de sistema seriado ou não: trata-se de uma concepção de como se organiza todo o trabalho pedagógico, as relações de produção de conhecimento e de poder, em que a existência de séries é apenas mais um elemento, e não o único. Essa lógica escolar é tão comum e corrente, que é dada como certa, sem questionamento – o professor não tem o poder para mudá-la, é obrigado a trabalhar supondo-a. (FREITAS, 2003 p.30)

Segundo Freitas, “os ciclos procuram contrariar a lógica da escola seriada e sua avaliação. Só por isso, já devem ser apoiados” (2003, p.51). O aluno na escola seriada é avaliado no final do ano, e determina-se que, se ele não tiver assimilado os conteúdos propostos para a série em questão, seja reprovado e inicie tudo novamente. Não se leva em consideração aquilo que ele já aprendeu e retomam-se os mesmos conteúdos através, muitas vezes, das mesmas atividades.

Por isso, a implantação dos ciclos na escola é um caminho para que os estudantes possam dedicar mais tempo a aprender a ler e escrever, um caminho que aumenta a responsabilidade da escola em ensinar sem deixar ninguém para trás. Antes do Proesf, como explicado mais adiante, eu concordaria que o aluno deve repetir sempre, até assimilar os conteúdos propostos, mas não tenho essa mesma idéia hoje: creio que são necessárias mudanças para que a aprendizagem seja alcançada.

Infelizmente, os ciclos são acusados de ter piorado o ensino, mas, na verdade, servem para expor o drama da repetência e mostrar que não basta simplesmente colocar o aluno dentro da sala de aula para garantir sua aprendizagem.

Coloca-se que a qualidade do ensino é prejudicada pela aplicação dos ciclos, com o argumento de que o aluno passa de um ano para o outro sem saber, e pode até mesmo alcançar a oitava série sem estar sequer alfabetizado.

Eu também pensava assim e achava que o aluno deveria permanecer na mesma série se não estivesse pronto para prosseguir, ou seja, se não tivesse dominado os conteúdos da série em questão. Mudei completamente meu olhar a partir da Aula Magna

Nessa aula, foi mostrado que a qualidade do ensino só ficará prejudicada se o professor, a escola e a comunidade simplesmente adotarem o sistema dos ciclos apenas no papel, e não na prática.

O aluno que não aprendeu a ler e escrever e chega à oitava série estaria, no regime seriado, na primeira série com 14 anos, completamente desajustado ao lado de crianças de 7 anos. O ciclo trouxe novos problemas, não resolveu todos, mas fez com que perdêssemos a inocência: não é ruim ficar na escola, ruim é não aprender. Quando se critica o ciclo, argumentando-se que é preciso evitar que o jovem passe de ano sem saber, apresenta-se, na verdade, um dos mais importantes argumentos em favor do próprio ciclo. A culpa pela repetência não é só do aluno, mas é dividida com a escola, que não conseguiu ensinar.

O aluno que não aprende é percebido, erradamente, pelos pais e pela sociedade, como um problema do ciclo ou da progressão continuada; entretanto, é, na verdade, produto da velha lógica da escola e da avaliação.

O ciclo incorpora a concepção de formação global do sujeito partindo do pressuposto da diversidade e dos ritmos diferenciados no processo educativo. À escola caberia o papel de criar espaços de experiências variadas, de dar oportunidades para a construção da autonomia e da produção de conhecimentos sobre a realidade. O sistema dos ciclos está sendo implantado nas escolas como uma espécie de solução perfeita. De fato, não há dúvida de que tal sistema represente o melhor antídoto contra a “cultura da repetência”, onde se condenam jovens e crianças ao fracasso; contudo, ele também traz consigo problemas característicos.

Nesse sistema, ajustam-se os conteúdos ao processo de desenvolvimento infantil, adequando o tempo do aluno à atividade escolar. Muda-se a forma de adquirir conhecimentos, faz-se surgir o respeito aos ritmos e diferenças de cada um.

O princípio dos ciclos é simples. O aluno deve ser avaliado sempre para que se saiba quais conteúdos já domina. Quanto mais o aluno for avaliado ao longo do ano, menor a chance de se chegar a dezembro com a constatação de que ele pouco aprendeu.

Nesse sentido, a organização por ciclos exige um diagnóstico que identifique grupos homogêneos dentro do grande grupo heterogêneo, possibilitando definir formas de trabalho diferentes para cada nível cognitivo.

Na realidade, porém, não é bem assim que acontece, pois os professores criticam e até condenam a implantação dos ciclos, argumentando que são obrigados a aprovar os alunos, mesmo que eles não saibam nada sobre os conteúdos previstos para a série que

estiverem concluindo, por imposição das Secretarias de Educação, o que lhes tira o poder de decidir os rumos da sala de aula.

Eu, algum tempo atrás, para ser mais exata no ano de 2005, reprovei uma aluna com o critério que ela não sabia nada devido às muitas faltas que trazia em seu histórico escolar. Hoje de acordo com o que aprendi no Proesf, que nós podemos aprovar nossos alunos e que, se estes passassem por avaliações que diagnosticassem o quanto eles sabem, poderiam, a partir daí, continuar sua aprendizagem do ponto onde houvessem parado. A crítica, contudo, procede: faltou investir na formação dos professores e, sobretudo, envolvê-los no processo. Qualquer mudança deve ser feita depois de um trabalho coletivo, mas aqui esqueceram de consultar os maiores interessados no assunto: os professores. Não existe uma conexão entre o trabalho pedagógico que será desenvolvido e a implantação do sistema de ciclos e progressão continuada.

O que fica para muita gente é que existe uma briga política por trás da discussão, em vez de haver uma preocupação com conceitos pedagógicos. Em boa parte, a imprensa ajuda a tumultuar o debate, ao divulgar com muito mais destaque casos de crianças e adolescentes que ainda não aprendem e, ainda assim, passam de ano.

Tudo isso nos leva à verdadeira questão: como pode a escola conviver com tamanha vergonha, permitir que tantos alunos continuem sem aprender? Durante anos, o fracasso foi louvado porque se acreditava que quanto mais o professor reprovasse melhor ele era. Mas recebi críticas, em especial dos pais, por aprovar alunos com dificuldades, onde depois eles colocaram para outros pais que eu não era boa professora, pela dificuldade apresentada pela filha e a aprovação para a próxima série.

Conversei com os pais sempre colocando em prática minha aprendizagem no Proesf, explicando aos pais a necessidade de estarem presentes durante todo o desenvolvimento dos filhos, não os deixando à margem do caminho.

Nós educadores estamos percebendo que somos o personagem principal, os únicos capazes de, dentro da sala de aula, fazer a diferença com nossos alunos. Podemos ensiná-los ou condená-los à ignorância. Estamos chegando, em todo o mundo, ao consenso de que o professor é a peça-chave no processo educativo. É muito interessante acompanhar a retomada do papel gradual do docente, da importância da qualidade da mediação que ele realiza. Para isso, procuro me envolver ao máximo com meu trabalho, olhando para o aluno constantemente como um todo, e acredito fazer a diferença para alguns, pelas mudanças e desenvolvimentos percebidos durante o processo de ensino.

## 5 - O MAGISTÉRIO

Minha irmã também é professora do ensino infantil, e da disciplina de História. Posso afirmar que o que me influenciou a seguir o caminho da carreira de magistério foi a convivência com ela e meu tio professor, pois naquela época, anos de 80, ela concluiu o magistério. O melhor trabalho para mulher era ser professora. Podia trabalhar meio período e ganhar um bom salário, além de ser bem reconhecida e valorizada perante a sociedade.

Antes de iniciar minha formação de professora no magistério, casei tive meus filhos e trabalhei em vários ramos de outras naturezas, inclusive de faxineira, até me decidir realmente pela profissão professor. Tudo começou com uma pergunta a uma cliente que comprava seus materiais escolares onde eu trabalhava. Um dia na brincadeira, perguntei se não haveria uma vaga nesta escola e eu sabia que uma vaga era muito difícil de conseguir, principalmente porque o curso de Magistério gratuito iria terminar.

Passado alguns dias, recebi um recado pedindo que levasse meus documentos para fazer a matrícula. Não acreditei, achei que alguém brincava comigo, mas era a mais pura verdade. Larguei o emprego e fui em busca de algo renovador para mim e minha família, pois gostava muito de crianças e acreditava na época que o salário era excelente. Mera ilusão fica só o gosto pela profissão, e iria fazer o magistério em dois anos já que tinha feito o colegial.

Nos atuais dias desapareceu a cena do professor com posição social com destaque e status de classe alta. A política oficial e o sucateamento da escola pública trouxeram como uma de suas conseqüências mais nefasta, a profunda degradação das condições salariais, de trabalho e de vida dos professores, de modo que estes estão cada vez mais identificados com a classe trabalhadora e dentro desta, com aqueles seguimentos que percebem os mais irrisórios vencimentos. Nesse sentido, o compromisso com a transformação da sociedade significa para o educador, lutar pela sua própria emancipação enquanto classe oprimida, principalmente em Piracicaba que somos meras funcionárias públicas e não temos um plano de carreira.

No decorrer do curso me sentia angustiada, pois as aulas não iam ao encontro com a realidade que eu ouvia falar das escolas e também referente às minhas expectativas. Além disso, não conseguia relacionar a teoria com a prática, pois nas aulas apenas debatíamos as teorias e como nenhuma aluna trabalhava com crianças não havia

trocas de experiências relacionadas com a prática pedagógica. A discussão se restringia apenas à questão teórica, ocorrendo assim, uma aprendizagem mecânica.

Durante o curso percebia a fragilidade do ensino público. Um curso para a formação de professores, que apesar de um currículo bom, deixava muito a desejar em algumas disciplinas. Apesar disso tive excelentes professoras comprometidas com o ensino.

Naquela época tudo era novo, tudo chamava minha atenção, a maneira de preencher o diário de classe, o documento mais importante do professor, pois é nele que o mesmo descreve os conteúdos trabalhados, as notas, reuniões, avaliações paralelas, tudo me impressionava.

Durante o magistério, eu participava de estágios onde já me imaginava em uma sala de aula fazendo a relação dos alunos, escolhendo os conteúdos a serem trabalhados, preparando as aulas, provas, organizando as datas a serem aplicadas, parecia tudo muito estimulante, mas a realidade é outra. Ao entrar em uma sala de aula você se depara com 36 alunos ou mais, um diferente do outro e tem que desenvolver em sua sala a melhor maneira possível para que seus alunos possam aprender.

Nos estágios percebi que as aulas eram fragmentadas, as disciplinas e os conteúdos eram sempre definidos pelos professores, nunca era trabalhada a realidade do aluno, como hoje em minhas aulas. Com ajuda das leituras e debates que participo no curso de pedagogia, consigo desenvolver com meus alunos trabalhos diferenciados, sempre preocupada em ajudá-los a aprender sempre mais e com qualidade, tentando sempre repensar nos conteúdos a serem desenvolvidos com eles.

Hoje posso perceber que o que aprendi em dois anos no magistério é bem diferente da formação que vivencio hoje no PROESF, onde teoria e prática caminham juntas. Quando há essa junção, o professor se sente mais seguro para trabalhar as diferenças.

De posse do meu diploma de Magistério não consegui lecionar. Fiz inscrição na Delegacia de Ensino, busquei quem abrisse uma sede,<sup>3</sup> mas as novatas tinham que ter alguém que conhecessem ou esperar que não encontrassem substituta para que conseguisse iniciar como eventual, apesar de ainda não ter confiança nos conhecimentos até então adquiridos.

---

<sup>3</sup> Sede – Portaria Especial de admissão do Professor que substitui o Professor Titular da sala eventualmente.

Percebi isso claramente quando nos últimos anos me deparei com as famosas “docências”. Estava clara a minha total insegurança e além de tudo a falta de conexão entre teoria e prática. Como eu poderia apenas com aquele documento nas mãos e algumas técnicas na mente, alfabetizar crianças, formar cidadãos críticos. A responsabilidade era grande e eu não estava pronta.

Primeiramente, precisava construir a identidade de professora, que até aquele momento era tímida e assustada e não sabia o que na realidade seria a palavra que muito era ouvida, formar o educador.

A meu ver, seria criar condições para que o sujeito se prepare filosófica, científica, técnica e efetivamente para o tipo de ação que vai exercer. Para tanto, serão necessárias não só aprendizagens cognitivas sobre os diversos campos de conhecimentos que o auxiliem no desempenho de seu papel, mas – especialmente – o desenvolvimento de uma atitude, dialeticamente crítica, sobre o mundo e sua prática educacional.

Foi necessário um ano, tempo no qual trabalhei em uma empresa de gaxetas<sup>4</sup> na função de secretária. Mas, estava insatisfeita, não era isso que eu queria, sentia-me sufocada pela idéia de passar o resto da vida fazendo um trabalho que de acordo com meus sentimentos, não teria um futuro e nem condições financeiras de concluir uma faculdade, e para mim não fazia mais sentido, aquele emprego, eu queria evoluir.

---

<sup>4</sup>Gaxeta – Anel de Vedação para cilindros Hidráulicos.

## **6 - O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO**

No ano de 2000, participei do concurso público municipal para professores de 1ª a 4ª série, e minha irmã professora me incentivou a estudar muito. Fui aprovada, mas numa classificação não tão satisfatória para ser convocada já na primeira chamada, e também não poderia passar na primeira classificação porque eu ainda estava concluindo o magistério, portanto acreditei que não conseguiria, mas a validade do concurso era dois anos e prorrogáveis por mais dois.

Através de alguns contatos com a vice-diretora da escola Moraes Barros, consegui uma vaga como professora substituta, abrindo minha sede nesta escola.

O primeiro dia que lecionei foi muito especial, apesar do grande medo que senti. Não sabia necessariamente se o que estava fazendo era correto, pois como já relatei, o magistério não proporcionou o conectivo necessário entre teoria e prática.

Algumas professoras vendo minha ansiedade deram algumas orientações, mas ainda era pouco. Acabei sem saída e lamentavelmente reproduzi em alguns momentos a metodologia tradicional.

A secretária da escola sempre que possível tentava me encaminhar para outras escolas, mas a dificuldade de locomoção era difícil e nem sempre dava tempo de se deslocar até a escola que era muito distante. O que eu ganhava como eventual só dava para os gastos com transporte e decidi que só iria substituir nos bairros próximos a minha casa.

Pelas idas e vindas de uma escola a outra, esperava que logo conseguisse uma sala de aula só minha, onde pudesse realizar um trabalho mais contextualizado, que tivesse começo, meio e fim. Era cercada pela instabilidade do exercer a profissão.

Infelizmente, as professoras substitutas continuam não sendo vistas como profissionais competentes como as professoras efetivas.

Cansei de buscar a profissão para qual tinha estudado e comecei com o trabalho de secretária, como citei anteriormente, fiquei um ano nesta profissão.

No ano de 2004, especificamente no mês de Junho, minha tão sonhada convocação aconteceu. Fiquei muito entusiasmada e pedi a conta do serviço de secretária. Fui conhecer a escola, que fica no subúrbio de Piracicaba, e fui muito bem recebida pela Diretora, uma senhora com muitas histórias e conhecimentos.

A classe atribuída se tratava de uma 2ª série, onde a metade dos alunos não sabia nem ler e escrever e ainda tinham problemas de socialização. Começava meu desafio frente a essas crianças.

Na verdade essa era a realidade das classes em sua maioria nesta escola do subúrbio. Onde o grupo de professores se uniu de uma maneira que esse desafio fosse amenizado pela amizade e companheirismo dos mesmos.

Nesta época entraram para trabalhar comigo duas professoras que haviam passado no concurso, mas nunca tinham dado aula. Foi oferecida a elas classes com alunos indisciplinados onde já haviam passado cinco professoras antes delas, que também era o meu caso, mas estas se sentiram incapazes, com medo de continuar, pois toda a empolgação que elas trouxeram para a escola foi se acabando, diminuindo a auto-estima. Não recebíamos ajuda da coordenação e direção, pois diziam: “Se você assumiu a classe, dê conta”.

“Para mim é inaceitável que uma pessoa que acabou de se formar fique encarregada das piores turmas, muitas vezes sem apoio nem acompanhamento. Quem está começando precisa, mais do que ninguém, de suporte metodológico, científico e profissional”. (NÓVOA, 2001).

## 7 – MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL – PROESF

“Não são os sonhos que não se realizam.  
São os sonhadores que desistem cedo demais.”  
(Autor Desconhecido)

Logo que passei a fazer parte do quadro de funcionários da Prefeitura de Piracicaba na função de Professor de Ensino Fundamental, abriu o vestibular da UNICAMP (PROESF - Americana), união de prefeituras das regiões no intuito de estar ajudando o professor a cursar uma faculdade com o gabarito da UNICAMP. Não pude prestá-lo, pois tinha ingressado na prefeitura dois dias após termino da inscrição do vestibular. Fiquei muito chateada.

Quando abriu a inscrição novamente, eu e minhas amigas fizemos a inscrição e fomos prestar o vestibular, pois seria a última chance para nós, sendo que esta seria a última turma do consórcio entre a UNICAMP e as Prefeituras da região.

Foi muito complicada nossa ida à Campinas para prestar o vestibular. Fomos de Van e quase perdemos a prova, pois um dos pneus estourou e por cinco minutos não poderíamos mais entrar na escola onde seria realizado o vestibular, mas deu tudo certo.

Quando tomei ciência da lista dos aprovados foi uma grande surpresa, mal acreditava que, após ter realizado uma prova exaustiva, meu nome se encontrava na lista e eu iria estudar na Unicamp. Para mim era um sonho que havia se realizado.

Em pouco tempo, sem um planejamento prévio, havia prestado a prova, passado, feito a matrícula e iria iniciar as aulas. As expectativas eram grandes e em relação a tudo, mas principalmente, em relação ao curso em si que era uma novidade para todos.

Aos poucos a euforia inicial de todos foi dando lugar ao ritmo intenso das aulas. Aulas estas que me fizeram refletir sobre minha prática profissional, sobre minha vida pessoal que me causaram mobilização e inquietação.

O primeiro semestre foi muito especial. Os assistentes pedagógicos estavam tão entusiasmados quanto nós. A cada aula uma nova surpresa e muitas descobertas. O encontro com profissionais de outras cidades tornou-se um momento privilegiado de troca de experiências e muito crescimento, iniciando assim um processo de construção de novos conhecimentos e também de desconstrução de conceitos enraizados pelo senso comum, através de leituras, pesquisas, questionamentos e muita reflexão.

Percebi que não era pessoa incapaz que me tornei por falta dos cursos e reuniões que participava antes. Eu escrevia, fazia meus comentários, conseguia participar das

aulas, foi um crescimento muito grande para mim tanto na teoria e prática que me ajudaram no meu dia a dia, como pessoa, meu lado emocional, a minha auto estima aumentou muito.

As leituras - ufa! E quantas leituras iam causando em mim sentimentos ambíguos, ao mesmo tempo em que sentia grande alegria por ter contato com novos e fascinantes conhecimentos, sentia também certa angústia e medo por trabalhar em duas escolas meu tempo era bastante restrito. Tornava-se cada vez mais difícil conseguir conciliar as exigências profissionais, os estudos e a vida particular, mas o desejo de aprender me dava força para prosseguir.

Hoje posso dizer que, todo sacrifício passado por mim durante esses três anos na Pedagogia valeu a pena, pois me ajudaram muito, enriquecendo mais o poço conhecimento que tinha até então. Hoje minha prática pedagógica melhorou muito e consigo trabalhar a prática junto com teoria, solucionando com mais facilidade os problemas que surgem durante o meu cotidiano em sala de aula.

Estou no último semestre e posso dizer com segurança que estou muito feliz, pois a teoria me ajudou muito na minha prática e no modo de pensar sobre a Educação. Estive em contato com obras de grandes autores, como: Pestalozzi, Dewey, Paulo Freire, e demais autores que marcaram essa minha trajetória, me fazendo refletir sobre a minha prática pedagógica, sendo capaz de questionar, criticar e argumentar, pois hoje já tenho embasamento para isso e o PROESF me proporcionou esse conhecimento .

## 8 – PROFISSÃO PROFESSOR

Escrever sobre o professor parece mais complexo do que se pode imaginar e certamente a complexibilidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. Vemos que ensinar em primeiro lugar está à concepção que este profissional do ensino tem uma identidade e nela sua opção pelo magistério; em segundo lugar, que é um profissional do ensino que tem o papel de levar o conhecimento construído e herdado pela humanidade a todo cidadão e cidadã; em terceiro lugar, um profissional que não tem sido alvo das políticas públicas que valorizem sua escolha profissional e uma educação essencialmente de qualidade e, em quarto lugar, é um profissional que precisa investir continuamente em sua formação.

Ser professor não é uma profissão escolhida por falta de opção e sim é uma das mais dignas e sublimes profissões que existe, pois o professor é também professor dos professores, dos doutores e até mesmo de um simples operário.

Ser professor não é aquele que só ensina fórmulas, regras, raciocínio, mas é aquele que sabe questionar despertando o seu aluno para a realidade, ensinando com prazer, pensando no bem estar e satisfação dos seus alunos, não importando a faixa etária e a capacidade mental que cada um possui.

Para que possa ser a referência na luta por uma educação de qualidade, que proporcione o desenvolvimento cognitivo de crianças, adolescentes, jovens e adultos, o professor precisa ter condições de trabalho, de gestão e de valorização salarial. Precisam ser valorizados como profissionais em seus saberes específicos, com formação inicial de qualidade e políticas e espaços de formação continuada. Em entrevista Nóvoa apud. Paulo Freire explica:

“A formação nunca se dá por mera acumulação. É uma conquista feita com muitas ajudas: Dos mestres, dos livros, das aulas, dos computadores. Mas depende sempre de um trabalho pessoal. Ninguém forma ninguém. Cada um forma-se a si próprio”. (FREIRE, 2001).

Se faz necessário que o professor se mantenha atualizado em relações às novas teorias, às novas tecnologias e aos novos avanços científicos artísticos e culturais da sociedade. Sendo a Universidade um dos centros de produção do conhecimento, que se configura na Ciência, na tecnologia e na cultura seu papel é de promover o avanço do saber e do saber fazer, o que podemos, concluir que além da construção do conhecimento, há também a orientação.

Através de propostas extensionistas a universidade e os centros de formação serão a ponte entre a educação básica e a formação dos professores na organização de eventos reflexivos sobre a prática pedagógica, além de que irá rever a própria prática.

## **9 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA, TEORIA E PRÁTICAS**

Ao estudar os textos da disciplina Políticas Educacionais<sup>5</sup>, fiquei pensando no que fiz até agora, como nós professores aceitamos todo tipo de mudança na educação e não paramos para refletir e perceber até que ponto o que estamos realizando é certo para o progresso dos nossos alunos. As reformas ocorrem devido ao crescimento do sistema político-social e também cultural.

Para falar em formação continuada do professor, preciso falar primeiro sobre as mudanças ocorridas na educação, ou seja, Reformas Educativas, ocorridas.

Quando se fala em reformas, logo associo esta idéia a mudanças. Segundo Popkewitz (1999):

Reforma é uma palavra cujo significado varia conforme a posição que ela ocupa, se dentro das transformações que têm ocorrido no ensino, na formação de professores, nas ciências da educação ou na teoria do currículo a partir do final do século XIX. Não possui um significado ou definição essencial. Nem tampouco significa progresso, em qualquer sentido absoluto, mas implica, sim, uma consideração das relações sociais e de poder. (POPKEWITZ, 1997 apud CANDAU, 1999).

O tema sobre formação de professores passou a ser destaque em conferências a partir do final da década de 70 e início de 80, quando estava em discussão em âmbito nacional a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura.

Freitas (2002) comenta que a luta dos educadores a partir do final dos anos 70 e início da década de 80 no quadro do movimento em geral da democratização da sociedade, trouxe contribuições importantes para a educação e para a forma de olhar a escola e o trabalho pedagógico, ao colocar em evidência as relações de determinação existentes entre educação e sociedade e a estreita vinculação entre a forma de organização da sociedade, os objetivos da educação e forma como a escola se organiza.

Na primeira metade da década de 70, sob influência da psicologia comportamental e da tecnologia educacional, a maioria dos estudos privilegiava a dimensão técnica do processo de formação de professores e especialistas em educação. O professor era concebido como um organizador dos componentes do processo de ensino-aprendizagem (objetivos, seleção de conteúdos, estratégias de ensino, avaliação, etc.) que deveria planejar com rigor e garantir resultados instrucionais altamente eficientes.

---

<sup>5</sup> Trabalho Ministrado na aula de Política Educacional e reformas educativas.

Nessa época havia uma visão funcionalista da educação em que a experimentação, racionalização, exatidão e planejamento tornaram-se as questões principais na educação de professores.

A partir da segunda metade da década de 70, inicia-se um movimento de oposição e de rejeição aos enfoques técnico e funcionalista que predominaram na formação de professores até esse momento. Nesse período, a educação passa a ser vista como uma prática social em íntima conexão com o sistema político e econômico vigente. A prática dos professores deixa de ser considerada neutra e passa a constituir-se em uma prática educativa transformadora.

Na década de 80, Pereira (2000) comenta que esse movimento de rejeição à visão de educação e de formação de professores predominante na época ganha força. A tecnologia educacional passou a ser fortemente questionada pela crítica de cunho marxista. Essa tendência reagiu violentamente à forma neutra, isolada e desvinculada de aspectos político-sociais, pela qual a formação docente foi fundamentalmente tratada até a década anterior. O autor cita um comentário feito por Santos (1992), que nessa década foi privilegiado dois pontos básicos: o caráter político da prática pedagógica e o compromisso do educador com as classes populares.

A denúncia da crise educacional brasileira e a concomitante defesa de melhores condições de trabalho e salários dignos para o magistério aparecem com frequência nos textos sobre formação de professores.

A expansão da rede de ensino, pelo aumento do número de vagas e de matrículas nas escolas, não foi acompanhada de investimentos proporcionais por parte do governo na área educacional.

O professor foi sendo paulatinamente esvaziado dos seus instrumentos de trabalho: do conteúdo (saber), do método (saber fazer), restando-lhe agora, quando muito, uma técnica sem competência.

Na perspectiva de Pereira (2000), o processo de desvalorização e descaracterização do magistério, evidenciado pela progressiva perda salarial por parte dos professores e pela precária situação de seu trabalho na escola determinou, a partir do final da década de 70 e início da de 80, o surgimento de greves de professores das escolas públicas de primeiro e segundo graus, sempre na luta por melhores salários e condições do trabalho docente.

Freitas (2002) afirma que os anos 80 representaram a ruptura com o pensamento tecnicista que predominava na área até o momento. No âmbito do movimento da

formação, os educadores produziram e evidenciaram concepções avançadas sobre a formação do educador, destacando o caráter sócio-histórico dessa formação, a necessidade de um profissional de caráter amplo, com pleno domínio e compreensão da realidade de seu tempo, com desenvolvimento da consciência crítica que lhe permita interferir e transformar as condições da escola, da educação e da sociedade.

Os educadores vêm construindo teórica e praticamente a concepção de base comum nacional, entendendo-a como instrumento de luta contra degradação da profissão.

A figura do educador dos anos 80 surge, então em oposição ao especialista de conteúdo, ao facilitador de aprendizagem, ao organizador das condições de ensino aprendizagem ou ao técnico da educação dos anos 70. Dessa forma, pretendia-se que os educadores estivessem cada vez menos preocupados com o uso de recursos tecnológicos e, cada vez mais, percebesse seu papel como de um agente sócio-político.

A diferenciação de educador e professor tornou-se algo imprescindível na primeira metade da década de 80, procurou-se romper com o modelo tecnicista vigente anteriormente. O educador, então, deveria ser formado sob dois aspectos distintos e indissociáveis: competência técnica e o compromisso político.

### **9.1 Questões políticas para formação docente**

Para Pereira (2000), o sentido político da prática docente se realiza pela mediação da competência técnica e constitui condição necessária, embora não suficiente, para a plena realização desse mesmo sentido político da prática docente para o professor. O autor comenta que Candau (1982) chega a defender a formação de educadores em uma perspectiva multidimensional, na qual, deveriam estar integradas “uma dimensão humana, uma dimensão técnica e uma dimensão político-social”.

Estas dimensões não podem ser visualizadas como partes que se justapõem, ou que são acrescentadas umas às outras (...). O desafio está exatamente em construir uma visão integrada em que, partindo-se de uma perspectiva de educação como prática social inserida num contexto político-social determinado, no entanto não são deixadas num segundo plano as variáveis processuais. Contextos e processo são vistos em articulação onde a prática educativa quotidiana (...) assume uma perspectiva político-social. (Candau, 1982, p:21. In: Pereira, 2000, p:31)

Pereira (2000) comenta que a publicação do livro “Universidade, Escola e Formação de Professores”, em 1986, resultado de um seminário realizado no ano anterior em São Paulo, desencadeou um processo de auto-crítica das instituições brasileiras de ensino superior na sua relação com o ensino de primeiro e segundo graus e do seu papel na formação de docentes para esses níveis de ensino. Neste sentido, a universidade tem aceitado formar professores como espécie de tarifa que ela paga para poder “fazer ciência em paz”. A universidade deve assumir a formação do professor como tarefa, como uma de suas tarefas centrais.

A formação de professores somente poderá acontecer em universidades e centros universitários (muito mais por conta das prerrogativas da autonomia do que por consentimento do MEC) e nos institutos superiores de educação, criados especificamente para esse fim.

Com isso, inúmeros cursos de Pedagogia em faculdades isoladas e integradas que formam professores, tiveram que se transformar em curso Normal Superior, ou permanecer como curso de Pedagogia, formando exclusivamente o bacharel-especialista para atuar nas tarefas de gestão, supervisão e orientação na instituição escolar.

O objetivo desta política, promulgada na LDB, que é o de retirar das faculdades/centros de educação nas universidades, a responsabilidade pela formação de professores, educadores para atuar em todas as esferas da educação básica.

Na década de 90, Freitas (2002) afirma que surgiu a escola para todos, Plano Decenal, Parâmetros Curriculares Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica, para educação superior, para educação infantil, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, avaliação do SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, Lei da Autonomia Universitária, novos parâmetros para as IES – Intuição de Ensino Superior, tentando adequar o Brasil à nova ordem, bases para reforma educativa que tem na avaliação a chave-mestra que abre caminho para todas as políticas: de formação, de financiamento, de descentralização e gestão de recursos.

No desenvolvimento e na implementação das políticas educacionais neoliberais, a qualidade da educação adquire importância estratégica como condição para o aprimoramento do processo de acumulação de riquezas e aprofundamento do capitalismo. A concepção tecnicista de educação que alcançou grande vigor no pensamento educacional da década de 1970, criticada e rebatida na década de 1980,

retorna sob nova roupagem, no quadro das reformas educativas em curso, anunciando que a globalização econômica confronta o Brasil com os problemas da competitividade para a qual a existência de recursos humanos qualificados é condição indispensável.

Pereira (2000) cita algumas alternativas sugeridas por André (1994) para universidade, na sua relação com ensino médio e fundamental. Além de implementar práticas mais eficazes de formação dos futuros professores, poderia oferecer espaço e recursos humanos para um processo contínuo de capacitação docente, poderia estruturar um programa de assessoria pedagógica às escolas e aos professores “incumbi-se da elaboração de programas e de material didático, favorecendo a aproximação entre o saber produzido na academia e o saber escolar”. Com essas iniciativas tomadas pelas universidades beneficiando não apenas a capacitação dos docentes e o ensino nas escolas, mas em especial o próprio trabalho das universidades.

Freitas (2002) comenta que no âmbito da formação continuada, as políticas atuais têm reforçado a concepção pragmatista e conteudista da formação de professores. Reduzindo a programas como os Parâmetros em Ação e a Rede de Formadores, sob patrocínio do MEC em articulação com municípios e algumas instituições formadoras, e os programas de formação inicial à distância, utilizando-se de mídias interativas e novas tecnologias. O art. 87, § 4º da LDB nº 9.394/96 estabelece que “Até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”, os professores têm sido levados a frequentar cursos de qualidade duvidosa em grande parte paga pelo governo. Em vários estados tais cursos são, em geral, uma demanda das prefeituras que os terceirizam ou contratam as IES (Instituição do Ensino Superior) públicas ou privadas, aos quais realizam processo seletivo especial de modo que possam atender a esta chamada específica.

A formação continuada é uma das dimensões importantes para a materialização de uma política global para o profissional da educação, articulada à formação inicial e a condição de trabalho, salário e carreira, e deve ser entendida como continuidade da formação profissional, proporcionando novas reflexões e ação de novos meios para desenvolver e aprimorar o trabalho pedagógico; processo de construção permanente do conhecimento e desenvolvimento profissional, aprendendo a produzir no coletivo, sendo assim, o profissional que “reflete na ação” torna-se um pesquisador no contexto prático tendo como objetivo articular teoria e prática pedagógica, pesquisa e ensino, reflexão e ação didática.

Segundo Perrenoud (1993),

ensinar é, antes de mais nada, fabricar artesanalmente os saberes tornando-os ensináveis, exercitáveis e possíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho. (Perrenoud,1993, p:25. In:Pereira, 2000, p:45)

O professor, na perspectiva de Pereira (2000), no exercício da função que escolheu, vai construindo um conhecimento sobre o ensino, ao mesmo tempo que pretende partilhar com os alunos o resultado da sua elaboração a respeito dos saberes e conhecimentos culturais a que tem acesso.

## **9.2 Formação continuada**

Durante a formação inicial ou continuada, o docente precisa compreender o próprio processo de construção e produção do conhecimento escolar, entender as diferenças e semelhanças dos processos de produção do saber científico e do saber escolar, conhecer as características da cultura escolar, saber a história da ciência e a história do ensino da ciência com que trabalha e em que pontos elas se relacionam.

Para Pereira (2000), o papel fundamental na formação continuada do professor parte de três eixos, seguindo a linha de Nóvoa (1992): a pessoa do professor e sua experiência, a profissão e seus saberes, a escola e seus projetos. De acordo com o primeiro eixo, Nóvoa (1992) afirma que a formação não se constrói por acumulação (de cursos, conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de permanente (re) construção de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência.

Quanto ao segundo eixo, Nóvoa reafirma a necessidade de investir a práxis como lugar de produção do saber e de conceber uma atenção especial às vidas dos professores. A formação continuada deve, então, estimular os professores a se apropriarem dos saberes de que são portadores, utilizando a sua autonomia na busca desses novos conhecimentos resultando numa reconstrução dos sentidos de sua ação profissional, rejeitando todos os dispositivos de supervisão e avaliação que reduzam o controle sobre as suas práticas e sobre a sua profissão.

O terceiro eixo aponta para o fato de que não basta mudar o profissional; é preciso mudar os contextos em que eles intervêm. As escolas não podem mudar sem o empenho dos professores e estes não podem mudar sem uma transformação das

instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as escolas e seus projetos.

Freitas (2002) comenta o destaque que Kuenzer (1999) dá a necessidade do professor não ser muito mais que um mero animador competente para expor, cativando a atenção do aluno. Ele precisará adquirir a necessária competência para, com base nas leituras da realidade e no conhecimento dos saberes tácitos e experiências dos alunos, selecionar conteúdos, organizar situações de aprendizagem em que as interações entre aluno e conhecimento se estabeleçam de modo a desenvolver as capacidades de leitura e interpretação do texto e da realidade, comunicação, análise, síntese crítica, criação, trabalho em equipe, e assim por diante. Enfim, o professor deverá promover situações para que seus alunos transitem do senso comum para o comportamento científico.

Para tanto, ao professor não basta conhecer o conteúdo específico de sua área; ele deverá ser capaz de transpô-lo para situações educativas, para o que deverá conhecer os modos como se dá a aprendizagem em cada etapa do desenvolvimento humano, as formas de organizar o processo de aprendizagem e os procedimentos metodológicos próprios a cada conteúdo. (Kuenzer, 1999, p:172. In: Freitas,2002, p: 145)

Placco e Silva (2000) comentam que a formação do professor é questão discutida há algum tempo. O modo como os professores são formados tem sido questionada desde então. Hoje quando reflexões sobre qualidade do ensino, evasão escolar e reprovação são provocadas, a formação de professor é colocada como o cerne dos questionamentos. O desenvolvimento cultural e científico do docente diante das exigências da sociedade atual tem sido motivo de grande preocupação. Diante disso os autores levantam questionamentos como: O que é formar? Que pressupostos orientam as ações no campo da formação docente? Formar em relação a quê? Que dimensões contém a formação de um professor? Quais dimensões podem ser consideradas fundamentais?

No movimento de indagar e produzir respostas, sempre relativas e provisórias, Placco e Silva (2000) pensam sobre as dimensões possíveis do formar:

- A dimensão técnico-científica: visa a necessidade de formar-se o professor do ponto de vista dos conhecimentos técnico-científicos relacionados à sua área. O domínio do conteúdo não se restringe mais ao conhecimento consistente de uma área específica, mas se exige que esse conhecer se articule com outros saberes e práticas, criando espaços para uma produção que vai além das fronteiras disciplinares;

- A dimensão da formação continuada: visa continuar pesquisando, questionando sua área de conhecimento, buscando novas informações, analisando-as e incorporando-as à sua formação básica, ou seja, ganhar materialidade em múltiplos espaços/atividades, não se restringindo a cursos e/ ou treinamentos, estimula a busca de outros saberes e introduz uma fecunda inquietação contínua com o já conhecido;
- A dimensão do trabalho coletivo e da construção coletiva do projeto pedagógico: é em torno de um projeto de escola, com claros objetivos de formação de aluno e do cidadão, que professores, diretores e outros profissionais da Educação devem-se congregar para um trabalho significativo junto aos alunos;
- A dimensão dos saberes para ensinar: é o conhecimento produzido pelo professor sobre os alunos, o conhecimento sobre finalidades e utilização dos procedimentos didáticos, o conhecimento sobre os aspectos afetivo-emocionais, o conhecimento sobre os objetivos educacionais e seus compromissos como cidadão e profissional;
- A dimensão crítico - reflexiva: é o conhecimento sobre o próprio funcionamento cognitivo pessoal, e de habilidade de auto-regulação deste funcionamento, fundamental para em qualquer processo formativo. Perceber-se e perceber as ações que realiza, avaliá-las e modificá-las em função da percepção e avaliação são questões fundamentais e sensíveis na formação do professor.
- A dimensão avaliativa: refere-se à capacidade avaliativa do professor em relação a aspectos específicos de sua prática pedagógica ou a aspectos específicos estabelecidos ou valorizados pelo sistema ou pela escola em que trabalha

O professor apesar de ser sábio, recebe críticas por suas práticas pedagógicas repetitivas onde seus alunos são obrigados a enfrentar. A repetição do mesmo currículo, a escola com alunos indisciplinados e desmotivados, sem nenhuma construção para vida social e profissional.

Por isso, é difícil dizer como e quando continuar uma formação, pois sabemos que necessita de um estudo sobre como conseguir espaços, horários, e a participação da maioria. Isso tudo envolve muita vontade política, onde não percebe que reformar prédios, dotá-los de todos os recursos de tecnologia de última geração, não resolve nada se não pensarmos no professor, como a valorização profissional, condições adequadas para o exercício da profissão, uma carreira e desenvolvimento de uma política salarial unificada, possuir uma formação contínua, direito do professor e dever do estado. Do contrário não haverá reforma que dará certo.

Como diz Nóvoa (1992): “não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores.”

É dever de o professor perceber o grau de importância do seu papel para começar a mudar a história da educação no Brasil, o professor é o principal agente da transformação da história, isto é, podendo mudá-la para melhor ou pior.

O exercício profissional do professor compreende ao menos, três atribuições: A docência, a atuação na organização e a gestão da escola e a produção de conhecimento pedagógico.

Libâneo aponta (2003) que:

“Como o docente necessita de preparo profissional específico para ensinar conteúdos, dar acompanhamento individual aos alunos e proceder à avaliação da aprendizagem, gerir a sala de aula, ensinar valores, atitudes e normas de convivência social e coletiva. Necessita também, desenvolver conhecimentos e pontos de vista sobre questões pedagógicas relevantes, como elaboração do projeto pedagógico - curricular e de planos de ensino, formas de organização curricular, critérios de formação das classes, e etc.”. (LIBÂNEO, 2003, p.11).

Por isso, estou muito satisfeita com o PROESF, pois todo o processo de produção de idéias durante o curso esteve sempre aberto à vivência da contemporaneidade na sua plenitude. Estar informada com os acontecimentos, conversar com as pessoas, interagir através dos diferentes meios de comunicação, assistir televisão e assistir sessões de cinema, participar das palestras, tirar fotos e perceber as diversas maneiras de se visualizar a foto, gravar vídeo, construir conteúdo para a internet. Faz parte dessa itinerância a participação nas atividades didáticas no curso de pedagogia.

Portanto, em ser pedagoga, está presente o compromisso com a sociedade e com a educação, em desenvolver atividades diárias em sala de aula, no qual se destaca a importância da articulação entre o processo de ensino - aprendizagem. “A competência necessária para realizar tal intento vem sendo construída coletivamente e de modo contextualizado, ao longo de minha formação e atuação”. (KUENZER, ACACIA ZENEIDA, 2002).

Em Piracicaba vejo que constantemente são oferecidos pela Secretaria de Ensino, cursos, palestras, oficinas pedagógicas, onde são discutidos vários assuntos ligados a alfabetização, o construtivismo através dos cursos de Alfabetização, Educação Física, Informática com mesas pedagógicas, Matemática e Língua Portuguesa, (este último o certificado é da Unicamp), melhora a prática para desenvolver um ensino de qualidade. No entanto ainda encontramos professores que continuam com a sua prática tradicional com lousa, giz, e o professor sendo o dono do saber.

## 10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este memorial, pude escrever sobre Ser Professor, narrar às memórias de minha vida pessoal e profissional.

Procurei relatar sobre a educação atual relacionada com a que recebi da minha infância até o curso acadêmico.

O processo de transformação da minha vida foi conformando e resistindo às condições sociais, diante de conflitos e dúvidas.

Muitos caminhos foram explorados, compreendendo e refletindo a educação como um processo histórico e que muito temos a percorrer que as experiências são inacabadas.

No trabalho tenho me constituído reciprocamente, pois para as mudanças ocorrerem precisamos de tempo e muita formação, e, é um processo contínuo. Durante este tempo de trabalho como educadora aprendi o quanto tenho que pesquisar, buscar para conseguir atuar na área.

Com a Universidade pude enriquecer mais as concepções de escola que conhecia, tentar no coletivo proporcionar uma escola com mais qualidade de ensino e alunos aprendendo a ler, escrever, entender e interpretar tudo aquilo que as pessoas no seu cotidiano transmitem a eles e eles consigam ser críticos e apresentar sabedoria e firmeza no seu ponto de vista, aprendendo com prazer, satisfação e curiosidade.

A universidade contribuiu de forma significativa para meu enriquecimento profissional. Fez-me perceber que o conhecimento não está pronto e acabado, que o mundo está em constantes mudanças e que nós, professores e acima de tudo seres humanos, não podemos ficar parados, acomodados.

É fundamental que o professor interaja com seus alunos, no sentido de compreendê-los e conhecê-los o máximo possível, a fim de conseguirmos ligar os conteúdos escolares à vida dos alunos, fazendo-os perceberem as ligações existentes entre estas e o mundo, buscando os elementos motivadores no seu dia-a-dia, nos conhecimentos que eles trazem de fora da escola, em problemas de seu cotidiano, estaremos certamente dando significado às atividades realizadas na escola.

O professor que assume a educação como prática social transformadora e democrática interage com seus alunos no sentido de torná-los críticos acerca da realidade que os cerca. Desta maneira, estará contribuindo para a formação consciente e

apostando numa sociedade diferente. É a educação para a libertação, também definida por Paulo Freire (1977).

Foram três anos, que pensei que demorariam a passar. Foi difícil sim, não nego. Deixar a casa, marido, os meus amados filhos e após um dia todo de trabalho; mas valeu a pena. Sabia que mudaria minha vida, só não pensei que fosse tanto. Fiz novas amizades, fortifiquei outras, enriqueci minha prática pedagógica. Foi um crescimento profissional e acima de tudo pessoal. Percebo hoje que sou muito melhor que ontem e ainda tenho muito a aprender.

O início desta escrita foi doloroso, registrar minha prática de forma reflexiva, além de buscar memórias de minha caminhada escolar. Sei que saio do Proesf com desejo de agora ao término de conclusão do curso em ir em busca da pós-graduação, pois aprendi a ler na integra.

Aprendi muito, mas tenho consciência de que sempre haverá muito a aprender, pois como muito bem disse Paulo Freire “... inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.” (1993, p. 59).

Desta forma, finalizo concluindo que não posso me sentir satisfeita com meu diploma de Pedagogia, é necessário, estar sempre na busca do sentido do que é ser educadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394/96.

CANDAU, V. M. Reformas educacionais hoje na America Latina. In MOREIRA, A. F. B. (org.). *Currículo : políticas e práticas*. Campinas: Papiirus, 1999.

CURTO, Lluís Maruny. et al. *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; *Miniaurélio Século XX : Minidicionário da Língua Portugues* – Rio de Janeiro, RJ; Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, São Paulo, Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação: ensaios*, 4ª edição. São Paulo: Cortez 2000.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. “A Reforma do ensino Superior no campo da Formação dos profissionais da educação básica: As políticas educacionais e o movimento dos educadores”. In: *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 68, Dezembro/99, p.17 – 44.

FREITAS, Helena Costa Lopes de. *Formação de professores no Brasil: 10 anos de embate entre projetos de formação*. Educ. Soc, Campinas, V. 23 n. 80, set. 2002.

FREITAS, Luiz Carlos de (org.). *Avaliação: construindo o campo e a crítica*. Florianópolis: Insular, 2002.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas*. São Paulo: Moderna, 2003.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. *A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor*. In: AZZI, Roberta Gurgel & SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (orgs.). *Psicologia e Formação Docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. (orgs.). *Organização e gestão, objetivos do ensino e trabalho dos professores*. In: *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCELLINO, N. C. *Lazer e Infância – O Furto do Lúdico: Implicações para o Processo Educativo*. In *Pedagogia da Animação*. São Paulo: Papirus, 1990.

PEREIRA, J.E.D. *Formação de professores: pesquisas, representações e poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS, J.B.et AL. Neoliberalismo e política educacional. In: BITTENCOURT, A. e OLIVEIRA JR, W.M. Estudo, pensamento e educação.

SILVA, Sylvia Helena Souza da e PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. *O coordenador pedagógico e a formação docente*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TIBA, Içame. *Ensinar Aprendendo: como superar os desafios do relacionamento professor – aluno em tempos de globalização*. São Paulo: Ed. Gente, 1998.

TRINDADE, A. L. *Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro no cotidiano escolar*. In TRINDADE, A. L. e SANTOS, R. (org.) *Multiculturalismo Mil e Uma Faces da Escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

#### FILMOGRAFIA : Pequena Miss Sunshine

Steve Carell, Toni Collette, Greg Kinnear, Alan Arkin, Cassandra Ashe, Abigail Breslin, Paul Dano.

**Dirigido por:** Jonathan Dayton, Valerie Faris

**Produzido por:** Albert Berger, David T. Friendly, Peter Saraf, Marc Turtletaub, Ron Yerxa